

ALÉM DA DOMESTICAÇÃO: A RELAÇÃO DO TUTOR COM DIAGNÓSTICO DE DEPRESSÃO COM SEU CÃO DE ESTIMAÇÃO¹

Dara Beppler da Silva dos Passos²

Michelle Regina da Natividade³

Resumo: A relação entre homens e animais desenvolveu-se ao longo da história. Como consequência, os cães passaram a ocupar um lugar especial na vida humana, desenvolvendo uma ligação afetiva com seus tutores e ocupando lugares especiais na sociedade, sendo acompanhantes em tratamentos médicos, como as Terapias e Atividades Assistidas por Animais, como também ocupam um lugar especial na vida de tutores que consideram os mesmos membros da família. Sendo assim, a presente pesquisa tem como objetivo caracterizar, a existência de efeitos terapêuticos na relação entre tutores com diagnóstico de depressão e o cão de estimação, a partir da percepção dos próprios tutores. Para isso, buscou-se identificar quais motivações levaram o tutor com diagnóstico de depressão a comprar ou adotar o cão de estimação e identificar, na percepção dos próprios tutores, quais elementos perpassam a relação com o cão de estimação que foi comprado ou adotado. Trata-se de uma pesquisa com caráter descritivo, de natureza qualitativa, com corte transversal e delineamento caracterizado como estudo de caso. Participaram da pesquisa seis tutores diagnosticados com depressão que, após obterem o diagnóstico, compraram ou adotaram um cão de estimação. Para a compreensão e análise dos dados coletados através de entrevista semiestruturada composta por catorze perguntas, foi utilizada a análise de conteúdo. Para realizar a análise, o primeiro eixo teve como objetivo identificar as motivações de compra ou adoção do cão de estimação, resultando em três categorias de análise, sendo companhia, exercícios físicos e acolhimento. O segundo eixo teve como objetivo identificar os elementos que perpassam nesta relação, demonstrando as características abrangentes na relação estabelecida com o cão de estimação, resultando em três categorias, sendo empatia, qualidade de vida e relação terapêutica. Os resultados apontaram que existe uma relação terapêutica entre tutor e cão de estimação devido a ¹tutores terem relatado a diminuição da medicação e ter aumentado o nível de qualidade de vida, melhorando aspectos sociais, físicos, emocionais e mentais.

Palavras-chaves: Depressão, cão de estimação, terapêutico.

1. INTRODUÇÃO

¹Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. 2021.

²Acadêmica do curso Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina – Unisul. E-mail: beplerdara@gmail.com

³Mestre em Psicologia. Professora Titular na Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

A relação entre homens e animais tem início a aproximadamente 14 mil anos atrás, em que auxiliavam na caça e proteção de território, em decorrência do homem ter aprendido a cultivar terra e a criar animais como reserva alimentar (BUENO, 2020). A sobrevivência do homem sempre dependeu da interação entre as espécies (homem-animal), e a partir dessa interação, iniciou-se a domesticação desses animais (GIUMELLI; SANTOS, 2016). Da domesticação desses animais, o cão era o único que possuía uma distinção social, sendo considerado no século XVIII, o servo mais fidedigno, inteligente e humilde para a companhia do homem (BERZINS 2000 apud FULBER, 2011). De acordo com Tatibana e Costa-Val (2009) essa interação se moldou ao longo dos anos, em que os cães começaram a adentrar as famílias como entes queridos. Essa nova visão de animal de estimação possui uma evidência arqueológica bem antiga, na qual encontraram uma mulher enterrada com o corpo de seu cão, em Israel, há 12.000 anos atrás (GIUMELLI; SANTOS, 2016). Diante dessa evidência arqueológica, percebe-se que essa relação de afeto não é algo restrito da atualidade.

Conforme Tatibana e Costa-Val (2009), o afeto atribuído a esses animais possibilita bem-estar físico e emocional a seus tutores. Devido a isso, os cães começaram a ocupar papéis muito importantes na sociedade, desde oferecer sua companhia, facilidade de promover a socialização de seus tutores com outras pessoas, redução da pressão arterial, dentre outros benefícios em decorrência desse convívio com o cão de estimação (MARTINS *et al.*, 2013). Esses papéis desempenhados pelos cães, tomaram grande espaço na sociedade, como auxílio em tratamentos de doenças físicas e neurológicas (MENEGAZZO *et al.*, 2015). Em decorrência disso, costumam adentrar em vários contextos como os hospitalares, educacionais e de moradia assistida, tanto de crianças como de idosos (REED; FERRER; VILLEGAS, 2012).

O auxílio de cães em tratamentos demonstra grande valia, de acordo com Menegazzo *et al* (2015), um desses auxílios é a participação em acompanhamento fisioterápico de longa duração em que crianças podem apresentar resistência, porém com o auxílio de um cão a criança acaba aderindo ao tratamento. Nesse processo não é visto apenas a confortabilidade do paciente, como também do animal que irá participar e acompanhar o tratamento (MACHADO *et al.*, 2008).

De acordo com Giumelli e Santos (2016) outro contexto que os cães estão é a Terapia Assistida por Animais (TAA), em que o animal é o principal fator do processo com objetivo de melhorar as condições físicas, emocionais e cognitivas dos participantes do tratamento. Ainda de acordo com as autoras, além da TAA, existe a Atividade

Assistida por Animais (AAA), em que o animal é participante de atividades esporádicas de recreação e entretenimento.

Na Terapia Assistida por Animais (TAA) e na Atividade Assistida por Animais (AAA), é a equipe de saúde que conduz esse processo. Conforme Fulber (2011), o profissional de saúde acompanha para a garantia do processo terapêutico. Na terapia e na atividade assistida por animais o animal utilizado pode ser variado, como cão, gato e coelho (MACHADO *et al.*, 2008), porém, os mais utilizados costumam ser cães. Na Terapia Assistida por Animais (TAA), quando a equipe de saúde utiliza apenas cães, o nome do processo é Cinoterapia. De acordo com Menegazzo *et al* (2015), o cão costuma ser o mais utilizado por ter melhor aderência a comandos e adaptabilidade e afeição pelas pessoas. Menegazzo *et al* (2015) afirmam que para um melhor resultado da terapia e atividade assistida por animais, o animal necessita ser um que possibilite o toque do ser humano, pois o fator tocar no animal é de grande importância para o tratamento.

As mudanças que as terapias e atividades que utilizam animais trouxeram para tratamentos de doenças físicas foram positivas, porém, estas mudanças também foram observadas em processos de interação social e psicológicos. De acordo com Machado *et al* (2008), as mudanças psicológicas que podem ser observadas com os exercícios da TAA, é a diminuição da ansiedade, da depressão e da solidão. Apesar de serem observadas que a terapia e a atividade assistida por animais trazem benefícios a saúde mental, o profissional da Psicologia é o menos presente nestas atividades, sendo prevalente fisioterapeutas, médicos, veterinários, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais (GIUMELLI; SANTOS, 2016). Segundo Volpi e Zadrozny (2012), citado por Giumelli e Santos (2016), o profissional da psicologia poderia usar o animal como intermédio para a construção de vínculos com pacientes idosos, crianças, pacientes com problemas de socialização e comunicação e entre outros.

Garcia (2009) aponta que a utilização dos animais realizadas por um psicólogo pode ser mais eficaz para terapias e atividades assistidas que utilizam o mesmo como intermédio para mudar algum fenômeno psicológico. De acordo com Andrade (2012), os animais ajudam na saúde e lazer de seus tutores, a autora cita que pessoas que possuem animais podem apresentar níveis de estresse reduzidos e diminuição da solidão, sendo visto como um auxílio emocional. Garcia (2009) cita que a primeira obra falando sobre a TAA foi de Jerson Dotti (2005), qual diz que o animal utilizado em TAA auxilia no tratamento de pacientes que possuem depressão, artrose, Alzheimer e outras doenças.

O Centro de Valorização a Vida (CVV), em seu site, apresenta um tópico abordando sobre cães que acompanham seus tutores em tratamentos, como cães guias que ajudam pessoas com deficiência ou incapacidade visual, cães ouvintes que auxiliam pessoas com deficiência ou incapacidade auditiva, cães de alerta que são capazes de detectar crises de epilepsia e hipoglicemia e cães de serviço que ajudam abrir portas e atividades que seu tutor com alguma incapacidade motora precisar realizar. Além desses cães citados anteriormente, existe os cães de auxílio que vivem com seus tutores, sendo vistos como assistentes emocionais, auxiliando pessoas com diagnósticos psicológicos e psiquiátricos, contribuindo na independência dessas pessoas (CVV, 2021). Diante dessa assistência emocional exposta acima possibilitada por cães, traz a seguinte pergunta de pesquisa: quais indicações da existência de efeitos terapêuticos na relação entre o tutor com diagnóstico de depressão e seu cão de estimação, comprado ou adotado após seu diagnóstico?

Para responder a esta questão, elaborou-se os seguintes objetivos, geral: caracterizar a existência de efeitos terapêuticos na relação entre tutores com diagnóstico de depressão e o cão de estimação, a partir da percepção dos próprios tutores; Específicos: 1. Identificar, na percepção dos próprios tutores, quais motivações levaram a compra ou adoção do cão de estimação; 2. Identificar, na percepção dos próprios tutores que possuem diagnóstico de depressão, quais elementos perpassam a relação com o cão de estimação que foi comprado ou adotado.

Diante da importância afetiva que tutores apresentam com cães de estimação e, também considerando os papéis que estes animais ocupam em vários contextos da sociedade, tornou-se relevante iniciar uma pesquisa sobre o assunto, buscando compreender as relações terapêuticas que os cães de estimação possibilitam para tutores com diagnóstico de depressão.

Conforme os dados apresentados na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) em 2019, 16,3 milhões de pessoas com mais de 18 anos sofrem com depressão, demonstrando também um aumento de 34,2% de 2013 para 2019. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) de 2017, em suas estimativas sobre depressão e transtornos mentais a nível global e regional, apontou o Brasil em segundo lugar com maiores casos de depressão, ficando apenas atrás dos Estados Unidos e, se considerar apenas os países da América Latina, o Brasil ocupa o primeiro lugar em diagnósticos de depressão. De acordo com os dados da OMS (2017) nas estimativas sobre ansiedade, o Brasil está ocupando o primeiro lugar. Devido a esse aumento que a depressão apresenta em nossa

sociedade conforme os dados relatados, demonstra-se a importância de se pesquisar diferentes tratamentos para a doença. Neste caso mais específico, como a relação das pessoas com seus cães de estimação podem contribuir na melhora do quadro de pacientes que apresentam transtornos depressivos.

Ademais, outra questão pertinente à relevância social dessa pesquisa é a relação de tutores com seus animais de estimação, qual tem crescido muito. A Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013, apresenta que aproximadamente 45% das residências brasileiras possuem um cachorro e 17% possuem gatos. Em decorrência disso, a um público grande de pessoas que possuem convivência com cães e, podem experimentar benefícios terapêuticos por intermédio da convivência com esse cão.

Além disso, conforme a Comissão de Animais de Companhia do Sindicato Nacional da Indústria de Produtos para a Saúde Animal (COMAC), em 2015, citado pelo Conselho de Medicina Veterinária de São Paulo (2015), apresentou dados que o mercado de produtos para animais domésticos vai movimentar 16,2 bilhões de reais. O Conselho de Medicina Veterinária de São Paulo (2015) relata que devido o animal de estimação apresentar proximidade e carinho com seus tutores, resulta em melhores cuidados possíveis retribuídos a esses animais, decorrendo na abertura de muitas atividades vinculadas ao mundo pet.

Em decorrência disso, Tatibana e Costa-Val (2009) apontam que o animal de estimação pode ser visto como auxílio emocional para seus tutores e também como um intermédio para tratamentos, devido ao fato de se doarem afetivamente sem pedir nada em troca, ouvir sem realizar julgamentos e por não apresentar exigências da sociedade humana. Ademais, o vínculo entre o tutor e o animal de estimação costumam ser duradouros. As autoras apontam que pessoas que possuem contato com animais costumam apresentar grandes melhorias psicológicas, citando estudos realizados de intervenções em instituições hospitalares, casas de apoio entre outras, que utilizam animais, costumam observar essas melhorias em pacientes.

Em decorrência do bem-estar pelo contato com animais e por sua presença em TAA, há uma relação terapêutica evidenciada. Qual pode ser caracterizada por não apresentar nenhuma pressão, coerção e livre de ameaças, para que o sujeito que faça parte desta relação sinta-se aceito e corresponda a mesma (ROGERS 1961 apud ALMEIDA, 2009). Conforme Araújo e Lima (2019), a relação terapêutica entre o homem e o animal tem sido explorada e ganhado espaço a âmbito mundial, sendo a TAA padronizada pela Delta Society. A presença do cão em ambientes com pessoas doentes, ambientes

domésticos e terapêuticos têm crescido, além do vínculo entre tutor e cão de estimação que também cresce, essas relações citadas com animais vêm sendo estudada pelas ciências (ALMEIDA, PAZ, OLIVEIRA, 2020).

No entanto, os autores citados na presente pesquisa, como Giumelli e Santos (2016), Tatibana e Costa-Val (2009), Andrade (2012), Garcia (2009), Machado *et al* (2008), Menegazzo *et al* (2015), Fulber (2011), Reed; Ferrer e Villegas (2012), Martins *et al* (2013), considerando também a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) de 2013, Conselho de Medicina Veterinária de São Paulo (2015), Organização Mundial da Saúde (OMS) de 2017 e o Centro de Valorização a Vida (CVV, 2021), nesses artigos não foram encontrados assuntos sobre tutores que adotaram ou compraram cães de estimação após serem diagnosticados com depressão. As melhorias psicológicas que esses autores citam, são em pacientes de terapia e atividade assistidas por animais ou cães de serviço (para pessoas cegas, surdas, com dificuldades motoras e pessoas que apresentam crises de epilepsia e pânico), considerando os benefícios identificados nesses estudos para pessoas com crises de pânico e epilepsia, faz se relevante investigar os benefícios para diagnosticados com depressão.

2. MÉTODO

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

De acordo com Gil (2008), a pesquisa com caráter descritivo, tem como objetivo principal descrever as características de determinada população, fenômeno ou experiência. Conforme Nunes, Nascimento e Luz (2016) neste tipo de pesquisa realiza-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos sem interferência do pesquisador.

Quanto a natureza da pesquisa foi utilizada a abordagem qualitativa, conforme Godoy (1995) essa abordagem possibilita várias formas de estudar fenômenos envolvendo seres humanos e suas entrelaçadas relações sociais construídas em diversos ambientes. Ainda de acordo com a autora, um fenômeno pode ser melhor estudado no contexto em que ocorre e em qual faz parte, devendo ser analisado em uma perspectiva integrada.

Quanto ao corte da pesquisa é transversal, que tem como objetivo descrever uma situação, fenômeno, observando características de interesse de estudo, sendo realizada a coleta de dados em um curto período de tempo, não havendo necessidade de acompanhar os participantes por um longo período (FONTELLES *et al*, 2009).

Quanto ao delineamento, a presente pesquisa se enquadrou no estudo de caso, conforme Gil (2008), é um estudo exaustivo e profundo de poucos objetos para ter um conhecimento amplo e detalhado. Esse delineamento tem sido utilizado por muitos pesquisadores sociais, devido grande possibilidade que o estudo permite, dentre essas possibilidades, explorar situações da vida real que ainda não se encontram definidas, descrever a situação no contexto em que ocorre o estudo e variáveis de fenômenos complexos que não possibilitam levantamentos ou experimentos (GIL, 2008).

2.2 PARTICIPANTES

A pesquisa teve como público-alvo seis pessoas do sexo feminino, maiores de dezoito anos que residem no Estado de Santa Catarina. Cinco destas participantes foram diagnosticadas com depressão por psiquiatra, apenas uma possuiu diagnóstico realizado por psicólogo e psiquiatra. Das seis participantes, apenas uma não utiliza medicação psiquiátrica, realiza apenas psicoterapia. As participantes da pesquisa, escolheram seus nomes fictícios sendo, Nane, Nala, Rita Lee, Golden, Hazel e Bianca.

Nome	Idade	Gênero	Diagnóstico por	Compra/adoção	Tratamento com psiquiatra e psicólogo

Bianca	26	Feminino	Psicólogo Psiquiatra	Compra a 2 anos	Desde os 22 anos
Golden	23	Feminino	Psiquiatra	Compra a 2 anos	Desde 2018
Hazel	20	Feminino	Psiquiatra	Adoção a 1 ano	Desde os 15 anos
Nala	25	Feminino	Psiquiatra	Adoção a 1 ano	Desde 2019
Nane	32	Feminino	Psiquiatra	Adoção a 10 anos	Desde os 16 anos, obteve alta da medicação. Apenas acompanhamento psicológico no momento.
Rita Lee	26	Feminino	Psiquiatra	Adoção a quase 2 anos	Desde 2018

2.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada composta por catorze perguntas. De acordo com Gil (2008), define-se entrevista como a técnica em que o entrevistador formula perguntas em frente ao entrevistado, com objetivo de alcançar os dados que se deseja coletar. Ainda de acordo com o autor, a entrevista é uma espécie de interação social, em que o entrevistador busca coletar dados através de suas perguntas e o entrevistado seria a fonte de informação para obtenção dos dados. A forma que será conduzida a entrevista será semiestruturada, conforme Gil (2008), tem como objetivo um certo grau de estruturação, mantendo os pontos de interesse do entrevistador e possibilitando uma forma mais espontânea para o entrevistado trazer suas informações e para o entrevistador realizar as suas perguntas.

2.4 SELEÇÃO E CONTATO COM OS PARTICIPANTES

Para a seleção dos participantes a pesquisa foi divulgada nas redes sociais da pesquisadora (Facebook e Instagram), em que constou nesta divulgação o endereço de e-mail, Instagram e Facebook da pesquisadora para que os interessados em participar da pesquisa possam entrar em contato. Na divulgação realizada no Facebook e Instagram os comentários da publicação foram desativados, para que assim, o anonimato e sigilo dos interessados em participar da pesquisa fosse mantido. Deste modo foi indicado que os interessados entrassem em contato por meio de mensagem privada com a pesquisadora.

Porém, nas primeiras semanas de divulgação houve pouco retorno de interessados, em consequência disso, a pesquisadora entrou em contato com redes sociais de Ongs protetoras de animais, com veterinários, com adestradores, com protetores independentes de animais, com hotéis pet e pet shops. Em decorrência disso a pesquisadora conseguiu seis participantes, porém, muitos dos interessados não se encaixam nos critérios de pesquisa. A facilidade encontrada foi a recepção dos profissionais e entidades citadas anteriormente, que por intermédio de suas redes sociais, divulgaram a presente pesquisa.

Os critérios de inclusão para a participação na pesquisa foram ter mais de dezoito anos, residir em Santa Catarina, possuir diagnóstico de depressão realizado por psicólogo ou psiquiatra, ter adotado ou comprado um cão, sendo necessário ter convivido com este animal a pelo menos seis meses após seu diagnóstico e aceitar que a entrevista seja gravada. Em relação ao diagnóstico de depressão, foi considerado válido e fidedigno o próprio relato do participante de pesquisa informando que o referido diagnóstico foi atribuído por psicólogo ou psiquiatra.

Os critérios de exclusão foram o participante considerar-se com depressão contudo, sem possuir diagnóstico atribuído por psicólogo ou psiquiatra, e possuir cão de estimação anterior ao seu diagnóstico de depressão.

2.5 ANÁLISE DOS DADOS

Para analisar os dados na pesquisa proposta, será utilizado a análise de conteúdo, conforme Bardin (2006 apud Mozzato; Grzybovski, 2011), consiste em um conjunto “de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p.4). Tem objetivo de compreender com sentido crítico as comunicações e informações (CHIZOTTI 2006 apud MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011). Considerando que a análise dos dados será de conteúdo as entrevistas serão transcritas possibilitando uma maior compreensão dos dados e visualização dos fenômenos, buscando aproximar dados semelhantes e analisa-los.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo será discutido os resultados da pesquisa, com base na análise de conteúdo para a compreensão dos dados. Em decorrência disso, foram elencados dois eixos de análise: motivações para a compra ou adoção do cão de estimação na percepção dos próprios tutores com diagnóstico de depressão, com as categorias, **companhia, exercício físico e acolhimento**. Segundo eixo, elementos que perpassam a relação entre o tutor com diagnóstico de depressão e o cão de estimação, com as seguintes categorias **empatia, qualidade de vida e relação terapêutica**.

3.1 Motivações para a compra ou adoção do cão de estimação na percepção dos próprios tutores

Nas motivações expostas pelos participantes, temos a **companhia** como principal motivação, cinco entrevistadas apresentaram esse motivo em seus relatos, tornando evidente a procura de um contato com o outro e afeto para diminuir a solidão.

Conforme relato da participante Bianca: *“ah uma companhia, eu queria muito uma pitbull, por segurança, por pelo temperamento do pitbull. Ele é muito carinhoso, ele é muito companheiro, ele é muito dengoso, assim então era uma é um animal que vive colada em mim toda hora”*. Nala também relata a companhia como sendo o motivo em adotar um cão *“eu pensei em adotar, pois queria companhia, pois como meus pais saíram, eu fiquei sozinha, muito tempo sozinha, ainda estou sozinha. Então, a companhia era algo que eu queria”*

A companhia de um cão de estimação, conforme Mendonça e Melo (2014), torna-se como um agente ativo para seu tutor, devido a sua presença, acabar modificando a rotina de seu tutor em decorrência de suas ações. Ainda de acordo com as autoras, a presença do cão retira o seu tutor da vida solitária, pois, além de oferecer sua companhia, suas ações promovem outros feitos, como promoção de felicidade e distração.

Além desses feitos, de acordo com Dotto et al (2012), o contato físico com cão faz a pessoa refletir no que fazer e pensar, pois diminuí sua tensão. Conforme a fala da participante Bianca: *“eu antes dela era muito impulsiva muito mesmo, mas hoje eu quero viajar para um lugar, e eu ia, mas hoje eu não quero mais ver ninguém, eu vou sumir das redes sociais, sempre foi muito brusco assim as minhas decisões e com ela não”*

A presença de seu cão de estimação, coloca o tutor em um movimento de refletir e quais ações realizar, esta interação mudou a forma de agir da participante citada anteriormente. A fala da participante Golden, reafirma esse lugar de ver o cão como um agente ativo, conforme relato a seguir:

Eu acho que solidão a mais assim (...) eu ia para o meu quarto e eu só ficava olhando para o teto sabe, não conseguia fazer nada se eu não tenho motivação para sair da cama e aí quando eu pensei em um cachorro, eu pensei exatamente nisso assim sabe disso, tipo teu companheiro para vida assim até uma motivação para sair da cama de manhã e saber que ele vai estar lá sabe e foi mais isso, é que eu sentia falta de um amigo companheiro.

A motivação de buscar um companheiro é a expectativa de construir uma relação de afeto com esse cão, pois a palavra companheiro, coloca o mesmo em um lugar de confiança e interação com esse tutor. De acordo com Gonçalves e Gomes (2017), a relação estabelecida com o animal, acarreta benefícios psicológicos, em decorrência da

interação ser realizada sem julgamentos, reconhecimento de seu afeto pelo animal e uma sensação de guarda e amor diante da presença do animal. Por intermédio disso, ocasionam bem-estar para seus tutores, conforme McCulloch (1981 apud ROCHA 2015), a presença do animal ajuda as pessoas a enfrentarem doenças físicas e psicológicas, como depressão, promovendo uma sensação de segurança, melhora no sentimento de solidão e na construção de uma amizade com esse animal. Nas falas expostas dos participantes é claro a busca por algo que lhes ajudem a se sentirem com mais energia e uma companhia para construírem uma interação que lhes tirassem daquele lugar de solidão.

Outra motivação exposta para obter o cão de estimação é o desejo de praticar algum **exercício físico**, essa motivação foi relatada por apenas uma participante, conforme fala Bianca a seguir: “*assim eu sentia a necessidade de fazer exercício físico só que eu não saia da cama por nada né, eu sempre fiquei trancada dentro de casa, eu sempre fui muito introspectiva até hoje eu sou bastante, mas eu sentia necessidade de uma coisa me obrigar a sair de casa*”. Conforme Rocha (2015), a interação estabelecida com o animal auxilia na motivação de seguir uma vida mais saudável, pois as pessoas começam a prestar atenção em suas escolhas saudáveis do cotidiano, tendo como benefício além da alimentação saudável, o início de um exercício físico, como a caminhada.

Última motivação exposta para obter o cão de estimação, foi traga por apenas uma participante. Ter o cão de estimação para sentir **acolhimento**, conforme fala de Hazel a seguir:

Que a cachorrinha mais velha que a mãe tem ela foi eu digo o único ser que me tirou de uma crise ansiosa, porque foi o único ser assim, nem pessoa, nem tipo outros bichos, tal que uma vez eu tava com problema no coração e eu comecei a ter uma crise e a minha mãe, eles tinham ido na igreja e eu não ia junto, então eu fiquei sozinha né e daí eu comecei a ter uma crise e ela me abraçou e daí tipo sei lá ela parecia que sentiu, porque ela veio e ela se acomodou muito de mim e daí aquilo foi passando e eu pensei, cara acho que é isso que eu preciso, não é tanto desabafar com alguém, é só tipo aquela coisa assim, aquele amor incondicional mesmo que só os bichinhos sabem dar né

Com a vivência de ter passado por uma crise e ser acolhida pelo cão de sua mãe, a participante relata que se sentiu melhor. Conforme Vicária (2003 apud CAETANO, 2010), as pessoas quando interagem com seus animais de estimação, apresentam níveis baixos de estresse, de pressão arterial e menos propensão a ter problemas cardíacos. O que é possível ser visto no relato da participante, o contato com o cão lhe ajudou a se acalmar e com isso a possibilidade de ter seu próprio cão de estimação.

Corroborando aos relatos das participantes, Costa *et al* (2021) menciona os benefícios terapêuticos que os cães trazem para pacientes em tratamentos de ordem física

ou mental, possibilitando uma maior adesão dessas pessoas a intervenções médicas, pois a presença do cão facilita o contato e o diálogo com esses pacientes. Por intermédio disso, é possível visualizar uma relação terapêutica nas falas das participantes, essa relação é identificada devido aos benefícios terapêuticos que os cães de estimação, possibilitaram para esses tutores. Conforme Costa *et al* (2021), um desses benefícios é diminuição dos sintomas depressivos vistos em pacientes que experenciam a Terapia e Atividade Assistida por Animais, entretanto, mesmo as participantes não estando em acompanhamento com um cão terapeuta da TAA ou AAA, desfrutam desses benefícios com seus cães de estimação.

3.2 Elementos que perpassam a relação entre o tutor com diagnóstico de depressão e o cão de estimação

Nas relações entre tutores e seus cães de estimação, ficou evidente a **empatia** como um dos elementos que perpassam essa relação; cinco tutores trouxeram que pensam nas necessidades de seus cães, do que eles precisam e no melhor que podem oferecer para os mesmos. Rocha (2015) afirma que o sentimento e a capacidade de empatia, é a dedicação, o cuidado e a comunhão com o diferente. As falas a seguir demonstram a empatia que os tutores apresentam com os cães de estimação:

Tipo, comecei a ler porque que ele come essas coisas, porque não outras. Então comecei a aprender um monte sobre alimentação que eu não faço nem ideia e comecei a ter mais rotina, porque ele é uma responsabilidade minha, não posso ficar quieta no canto o dia inteiro e não ir lá dar uma atençãozinha, da comida dele eu não posso deixar ele mais que dois dias sem levar pra passear porque ele fica mal, ele é um cachorro muito enérgico, então ele é minha responsabilidade.
– Hazel

Quando a gente não tem alguma coisa que depende da gente, a gente não pensa muito nos outros né. Tipo minha família meus pais, meus pais se eu morrer vão continuar e vai dar tudo certo, obviamente vai ter os problemas, agora é algo que depende de mim, e eu tendo ela eu sou obrigada a fazer o meu melhor para eu dar o melhor para ela, eu quero o melhor para ela, eu sou obrigada dar meu melhor sim. – Bianca

Pensar no próximo não humano, é algo que a relação entre o tutor e seu cão de estimação faz transparecer. Para ambas as falas apresentadas, a dedicação e o cuidado com o seu cão de estimação são evidentes. De acordo com Clerici (2009), a vida compartilhada com o animal, cria uma relação cheia de consciência e respeito, em decorrência do vínculo estabelecido, conforme fala da participante Nala: “*a paciência é algo que mudou, pois o cachorro é diferente do ser-humano, então não tem como ele ser da forma que você quer, eu aprendi lidar com a forma dela também*”. De acordo com Jorge *et al* (2018), a guarda responsável é entender que aquele cão necessita de cuidados, respeito e ética. Na fala exposta anteriormente é visto a empatia de saber lidar com a

diferença, possibilitando uma troca sadia e também um bem-estar para esse cão e seu tutor.

As últimas participantes que trouxeram a empatia, relatando preocupação com o cuidado do outro foram Golden e Rita Lee:

Mas assim quando eu tô com ele, tipo eu tô no último ano agora, e é muita coisa, aí eu fico lá embaixo com ele, vou fazer minhas coisas aí daqui a pouco eu vejo, aí ele fez cocô lá fora, eu levanto vou colocar lá no saquinho aí daqui a pouco eu vejo que ele precisa pentear, aí eu vou lá, penteio ele ou às vezes ele precisa de mim para fazer outra coisa, aí sabe assim, tu tira um pouco aquela coisa de eu tô aqui, eu preciso terminar isso aqui em 2 horas, é tipo assim, eu tô aqui vou fazer no meu tempo porque ele tá ali, ele precisa de mim também. – Golden

Eu comecei a observar né quantas vezes ela fazer cocô por dia, então assim foi mais uma questão de, eu sou uma pessoa muito ligada ao cuidado então eu observava as necessidades dela e fazer o meu melhor assim, então teve mudança na questão de qual o nome disso, mas no cuidado com aquela outra pessoa, outro serzinho né, uma pessoa. – Rita Lee

Na fala de Golden percebe-se que além do cuidado oferecido para o seu cão, o mesmo retira a tutora de um momento estressante. Conforme Becker (2003 apud CLERICI, 2009), nos últimos 20 anos a pesquisa médica expõe o efeito tranquilizante que os bichos de estimação trazem para os idosos, pessoas com estresse e os que vivem isolamento emocional. A fala da participante Rita Lee, reconhece os cuidados com seu cão, como se fosse para outra pessoa. Segundo Tatibana e Costa-Val (2009), as pessoas tem tratado seus animais de estimação como se fossem pessoas, ocorrendo uma humanização dos mesmos. Ainda de acordo com as autoras, uma pesquisa aponta que 98% dos tutores sentem que seus animais de estimação são membros da família.

Qualidade de vida é a segunda categoria elencada, resultando em duas subcategorias, círculo social e autoconfiança. Devido a terem aumentado seu círculo social e obterem melhora na autoconfiança, as participantes relatam melhor qualidade de vida. Conforme as falas a seguir das participantes Hazel e Rita Lee que relataram um aumento em seu círculo social em decorrência de seus cães de estimação.

Tem que conhecer ele, ele é muito engraçado, ele é muito grande e ele é muito simpático. Eu acabo conversando com todo mundo, tanto de amizade que eu fiz por causa dos cachorros, acabei me envolvendo na comunidade pet aqui da cidade, acabei conhecendo mais um monte de coisa, um monte de gente. Sabe agora ele tem amiguinho pet para brincar então eu me tornei cem por cento mãe de pet. – Hazel

Por onde eu vou com ela as pessoas querem muito conversar né, então tem essa aproximação que ela causa nas pessoas, que é comum né, e ela é uma típica viralata caramelo, assim então, essa parte de aproximação é legal porque eu sou uma pessoa bem introvertida, então eu sinto que ela facilita um pouco as coisas, mas ela por sua vez também é super antissocial, as pessoas querem conversar com ela e ela fica se escondendo atrás de mim, mas de certa forma, eu to em contato com aquela pessoa no momento. – Rita Lee

Conforme Cortez (2013), os tutores costumam falar sobre seus pets, suas preferências, gostos e personalidade, trazendo adjetivos, como inteligentes, educados, mimados entre outros, como exemplifica as falas das participantes Hazel e Rita Lee, colocando seu cão como “engraçado”, “simpático” e “antissocial”. O compartilhamento sobre a vida de seus cães, possibilita a aproximação com outros tutores, que antes sem a presença de seu cão, não havia esse círculo social. A participante Nane, apresenta uma melhora na comunicação com as outras pessoas. Conforme fala a seguir: “*antes eu tinha medo de falar com as pessoas, então quem não conhecia achava que eu era muda, aí hoje não, eu já começo a conversar*”. De acordo com Faraco et al (2009 apud PASSOS, 2019) os animais de estimação acabam sendo intermédios nas relações interpessoais entre as pessoas, facilitando e promovendo a interação social, servindo como um estímulo para isso.

De acordo com Freitas (2011), pessoas diagnosticadas com depressão apresentam dificuldade em relações sociais, o que pode causar distanciamento dos amigos, da família e ausência no trabalho. Em relação com as falas anteriores das participantes, o cão serviu como auxílio na construção do círculo social. Conforme Marinho e Zamo (2017), a presença de cães de terapia em tratamentos com pacientes com paralisia cerebral ou com crianças, demonstra um maior desenvolvimento nas habilidades sociais desses pacientes, iniciando diálogos com os profissionais de saúde daquele local, o que antes era dificultoso sem a presença do cão de terapia. Sendo assim, as participantes diagnosticadas com depressão, obtiveram um aumento em sua qualidade de vida, demonstrando um potencial terapêutico em decorrência do cão de estimação. Em concordância com isso, Passos (2019) afirma que o animal de estimação pode servir como uma quebra-gelo para iniciar o contato entre duas pessoas. Ainda de acordo com a autora, “os indivíduos passam a conhecer e se relacionar com outras pessoas de forma mais próxima e afetuosa, por intermédio do seu animal de estimação” (p.40).

A autoconfiança foi relatada por duas participantes, Bianca e Golden, que por intermédio disso, compartilharam um aumento na qualidade de vida. Trouxeram que devido a convivência com seus cães de estimação, acabaram desenvolvendo mais coragem em lidar com situações que antes não eram possíveis para as mesmas, conforme falas a seguir:

Pode ser da raça eu acredito que seja porque um pitbull te coloca como empoderada, pô eu tenho um pitbull, tá ligado, não venha se meter comigo porque eu tenho um pitbull. Então ela me colocou uma força muito mais do que eu acho, que eu achava que eu não tinha sabe, eu achava que eu tenho que ficar quieta, que fazer tudo certinho não preciso me levantar para colocar minha opinião para

fora, assim e hoje em dia eu sou muito mais ativa, eu falo muito mais, eu exponho muito mais minhas opiniões, isso pode ser da raça, porque eu peguei esse jeitinho dela, aí bato no peito, vamos lá, qual foi. Isso daí foi uma mudança que ela fez enorme na minha vida, de eu pegar situações que me colocaram mais para baixo, eu não, não pera, aí não aceito isso, não mais. – Bianca

Eu sou medrosa e eu nunca saí para caminhar na rua assim, nem com meu outro cachorro, aí é só com alguém junto e hoje em dia eu entendo a necessidade que ele tem pra passear, então eu vou sozinha, se eu tenho que passar por um lugar meio perigoso eu vou passar, eu não tenho problema com isso. Na praia isso aconteceu também porque eu gosto de ir junto com pessoas porque eu me sinto mais segura, mas eu consigo ir sozinha consigo me virar. Tipo umas coisas que nunca faria na minha vida, mas essa autoconfiança foi muito real para mim assim, porque eu nunca fui confiante, eu sempre fui muito insegura e isso mudou muito, demais mesmo. – Golden

Conforme Faraco et al (2009 apud PASSOS, 2019), a companhia do animal de estimação, gera em seu tutor mudanças positivas, como a melhora em seu autoconceito, no comportamento dessa pessoa, além do desenvolvimento de novas habilidades. De acordo com a fala de Bianca, agora se encontra muito mais ativa e empoderada. A participante Golden, além de desenvolver sua autoconfiança, começou a realizar tarefas sem precisar da companhia de outras pessoas. Como expõe as autoras Lima e Souza (2018) em seu artigo sobre autonomia, sendo um benefício terapêutico que a Terapia Assistida por Animais possibilita para as pessoas, devido do contato realizado com cães. É possível perceber essa mudança na participante Golden, que mesmo estando fora do ambiente da TAA, com a companhia de seu cão de estimação, desenvolveu uma maior independência.

A última categoria a ser analisada é **relação terapêutica**, estando atrelado a essa relação, o contato físico com o cão de estimação. As falas a seguir, referem-se ao contato físico com o cão de estimação e como isso se torna terapêutico para seus tutores:

Uma das primeiras crises fortes que eu tive, eu pensei, eu não sei como é que eu vou trabalhar hoje, depois de ficar um tempinho com ele, mas foi um tempinho assim, ele é tão bobo, ele é tão bocó esse cachorro meu deus do céu, sério você vê ele, não tem como você ficar falando isso, é muito bobo mesmo e ele está babando e brincando e pulando em mim, fazendo graça, ele faz graça sabe, ele faz muita graça e daí eu comecei a dar risada sabe. Não fazia 10 minutos que eu tava no fundo, do fundo do poço assim, e eu comecei a dar risada da cara dele sabe. Então naquele momento assim, eu fiquei meu deus, se não tivesse aqui, eu ia talvez meio para baixo para o meu ensaio, e eu fui feliz. – Hazel

Olha eu consigo respirar, eu digo assim que é coisa mais estranha do mundo, mas quando ela tá longe assim, quando eu vou viajar alguma coisa, ou antes dela de eu ter ela, eu sentia muito peso em cima do meu peito como se tivesse pedras e pedras em cima do meu peito, e eu descendo cada vez mais o fundo do mar sabe, mas chegando ainda sem ar e eu do lado dela eu consigo respirar, consigo pensar qual é a melhor decisão para eu tomar. Eu vou conseguir resolver, foi muito bom assim, ela tá comigo, eu não consigo dormir sem ela, o ronco dela é praticamente aquela musiquinha de ninar. Então ela fica colada, tem dias que eu não tô muito bem, ela vem lá eu peço abraço, ela fica colada então ela me dá um chamego. - Bianca

Nas falas de Hazel e Bianca é possível perceber como o contato físico estabelecido com seu cão de estimação, auxiliou ambas a se sentirem melhor, principalmente em uma crise e na forma de lidar com a rotina do dia a dia. Conforme Rocha (2015) afirma que tanto o animal como a pessoa, sentem relaxamento ao terem contato físico um com o outro, evidenciando a diminuição na pressão arterial e aumento dos níveis de oxitocina que promove sensações de união social, amor e bem-estar no ser humano.

De acordo com Andrade (2012), médicos veterinários pontuam o efeito positivo que o toque no animal de estimação promove para seus tutores, transmitindo sensação de conforto, de segurança e ainda libera no corpo endorfina, substância que promove relaxamento e é compreendida como um analgésico natural. Conforme Freitas (2011), a depressão faz com que a pessoa se sinta deprimida, com sentimentos de desvalia e também com episódios de choro. Considerando o relato das participantes, é evidenciado um benefício terapêutico da relação estabelecida com o cão de estimação, pois através do contato físico com o cão se sentem melhor emocionalmente.

Por último, a participante Golden, relata a sua experiência relacionado ao contato físico com seu cão de estimação:

A primeira vez que eu tive um ataque eu tava no chão com ele, e aí ele veio e deitou no meu colo assim, e aí que estranho porque quando tava chorando, eu tava avoada assim, e como ele veio no meu colo eu acordei daquilo, ele tá no meu colo sabe, eu comecei a dar carinho nele e passou muito rápido assim. Então ele me ajuda muito passar por esses momentos também, eu me sinto segura quando eu tô com ele sabe, porque eu sei que eu, eu vou me acalmar, ele me ajuda me conscientizar do meu redor assim, é bem legal. – Golden

Conforme Silveira (1981 apud FULBER, 2011), o animal se torna um ponto de referência do mundo externo, o que facilita a retomada do contato com a realidade, o que é exemplificado na fala da participante Golden, que a relação com seu cão a auxilia a se conscientizar da sua realidade quando está em uma crise. Ainda conforme Passos (2019), o contato olho no olho com o animal de estimação promove a liberação de organismos que auxiliam na saúde humana. Corroborando a isso, Bussotti et al (2005) afirma que contato estabelecido entre pacientes e cães terapeutas, em decorrência da TAA, é indicado em consequência de seu potencial terapêutico e a melhora rápida que pacientes apresentam em quadros clínicos. Devido a isso, percebe que a relação estabelecida entre os tutores participantes da pesquisa com os cães de estimação, torna-se terapêutica.

Na relação terapêutica, o contato físico com o cão de estimação é essencial para a possibilidade da criação de um vínculo entre tutor e cão. De acordo com Rogers (1961

apud ALMEIDA, 2009) relação terapêutica é caracterizada por não apresentar nenhuma pressão, coerção e livre de ameaças, para que o sujeito que faça parte desta relação sintase aceito e corresponda a mesma. Sendo interessante observar a correspondência desta definição, com a relação que os participantes desta pesquisa estabelecem com seus cães de estimação.

As participantes da pesquisa consideram a relação com o cão de estimação terapêutica. Conforme fala de Rita Lee a seguir:

Para mim é uma relação terapêutica por quê me conecta né, me liga muito ao cuidado e, tem um laço muito forte de afeto, de responsabilidade e carinho né, é um vínculo e conseguir ter vínculos assim, efetuosos é muito um sinal de saúde né, assim é muito, algo que a nossa sociedade nesse momento que a gente vive ainda mais de pandemia, isolamentos, quarentena, ansiedade, insegurança você conseguiu estabelecer um vínculo né é muito terapêutico e a ela foi esse vínculo pra mim.

Conforme Tatibana e Costa-Val (2009), o vínculo com o animal de estimação costuma ser forte e duradouro, é desenvolvido de uma maneira mais fácil do que com outra pessoa. Com esse vínculo, a participante Bianca relatou diminuição em seu remédio psiquiátrico, melhora no seu quadro de depressão e um laço afetivo. De acordo com Lima e Souza (2018), os benefícios emocionais que a relação com animal de estimação promove é redução de ansiedade e a possibilidade de carinho e troca de afeto, como é demonstrado por todas as participantes da pesquisa.

Para as participantes Nala e Golden, é uma relação terapêutica devido a existência de uma troca de afeto, por considerarem o cão de estimação importante para seu quadro depressivo. Conforme segue:

Eu reconheço como uma relação terapêutica, pois é uma troca que temos, eu faço por ela e ela faz por mim, temos uma troca. Já tive uma cachorrinha que morreu e eu percebi a dependência emocional que eu tinha. Com ela, eu tenho uma troca. Pois ela já sofreu muito, então eu também tive que entender ela também. Eu escolho 8, porque o remédio e a terapia me ajudam bastante no tratamento, mas ela é 80% parte disso, ela é muito importante. – Nala

É uma relação terapêutica é igual assim essa questão do da relação terapêutica com uma psicóloga e que ela fala você escuta você fala ela escuta aí aquela coisa e com ele é como se a minha relação terapêutica fosse diária sabe o tempo inteiro eu posso ir ali embaixo se eu estiver triste eu posso ficar com ele ou se eu quiser eu posso passear, eu posso ver as pessoas andando na rua, e é terapêutico em todos os sentidos, não é só terapêutico porque eu tô numa sala com uma psicóloga sabe, é terapêutico porque é social, é terapêutico porque é emocional e físico. Eu acho que de 1 a 10, 10. Eu não me imagino mais como a Golden de anos atrás sabe, eu me vejo totalmente diferente com mais responsabilidade, é claro que também muda porque os anos vão passando e tu vai mudando, normal, só que as mudanças que ele provocou em mim foram muito significativas, então mudou tudo, tudo mesmo. – Golden

Conforme Mendonça e Melo (2014), o fato do contato com o animal possibilitar uma troca de afeto contínua e proporcionarem conforto e companhia, é um ponto

fundamental para aqueles que sofrem com doenças físicas, portadores de outras síndromes e sofrimento psíquico. Como é visto pelas falas das participantes que com a troca de afeto, reconhecem essa relação terapêutica. Ainda, exposto por Silveira (1992 apud MENDONÇA; MELO, 2014), que a convivência com animais diminui a mortalidade de doentes cardíacos, diminuição no uso de medicação e diminuição de tentativas de suicídio em enfermarias, que contam com a presença de cães. Entretanto, mesmo as participantes estarem fora de ambientes de enfermarias ou casas de apoio, é possível perceber os mesmos benefícios terapêuticos na relação estabelecida pelas participantes com o cão de estimação, que relatam melhora em seu quadro depressivo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em decorrência de tudo relatado neste trabalho, com o objetivo de identificar e caracterizar a relação terapêutica e os elementos que perpassam essa relação que tutores com diagnóstico de depressão possuem com seu cão de estimação, conclui-se que por intermédio dos relatos das participantes desta pesquisa, é possível identificar benefícios terapêuticos em decorrência da relação estabelecida com o cão de estimação. Sendo assim, apesar de muitos estudos trazerem os benefícios de cães na Terapia e Atividade Assistida por animais, é possível presenciar esses benefícios entre tutores que estão fora desse ambiente da TAA. Conforme Fulber (2011), a companhia dos animais em tratamentos, promovem qualidade de vida e acelera na melhora de quadros de saúde.

Além da melhora no quadro depressivo, foi possível identificar mudanças no âmbito social, emocional e na saúde física dos participantes, pois por intermédio do cão de estimação fizeram novas amizades, desenvolveram autoconfiança, tornaram-se pessoas fisicamente mais ativas e também conseguem lidar melhor com crises emocionais, o que diminuiu seus sintomas depressivos. Freitas (2011) afirma que a depressão causa prejuízo emocional, autolesão, insegurança entre outros sintomas.

Cinco participantes relataram que adotaram ou compraram o cão de estimação para ter companhia, uma destas apresentou o exercício físico como motivação para comprar um cão de estimação e, uma participante trouxe o desejo de ter o acolhimento que o cão de estimação promove. Entretanto, nos relatos apresentados, nenhuma participante apontou que adotou ou comprou o cão em decorrência de sua depressão. Porém, as motivações citadas para obter o cão de estimação, estão atreladas aos sintomas da depressão. Conforme Freitas (2011), a depressão se caracteriza por pensamentos autodestrutivos e perda de prazer em realizar atividades. Sendo assim, a presença do cão de estimação apresentou benefícios terapêuticos para esses tutores, constituindo uma relação terapêutica. A companhia do cão de estimação foi um complementar para o tratamento da depressão das participantes, em seus relatos afirmam que o cão se tornou fundamental para a sua vida, em decorrência do afeto constituído e na mudança benéfica em seu estado mental e físico, que ocorreram com a convivência com o cão de estimação, os benefícios identificados foram, o aumento do círculo social, aumento na comunicação, na autoconfiança, aumento nas atividades físicas, diminuição de crises emocionais e consequentemente, diminuição em sintomas depressivos.

Segundo Lima e Souza (2018), os animais demonstram melhorar a qualidade de vida das pessoas e também aquelas que se encontram em tratamento, que apenas em estar na presença do cão, é notado a prevalência de um bem-estar. Sendo assim, através do estudo dessa pesquisa, foi possível ver a relação terapêutica estabelecida entre o tutor com diagnóstico de depressão e seu cão de estimação, pois a presença do cão e as ações que o mesmo desempenhava, tornava-se terapêutico para esses tutores e também a diminuição de tratamento medicamentoso que também foi relatado. Em decorrência desses resultados, ressalta-se a existência de outros complementos que contribuem para a melhora em pessoas com diagnóstico de depressão, não restringindo o tratamento apenas em medicação psiquiátrica ou psicoterapia, mas pode ser apresentado a hipótese de adotar ou comprar um cão, que pode ser tornar um complemento no tratamento psicológico.

Por fim, salienta-se a importância de pesquisas que investiguem que através da relação homem-animal, é possível promover saúde física e emocional para as pessoas, sendo importante ver esta relação fora do ambiente hospitalar ou casa de apoio, que apresentam as Terapias e Atividades Assistidas por Animais. Buscando ver esta relação com as pessoas que estão fora desse ambiente, não restringindo apenas aos diagnosticados com depressão, mas investigar tutores que apresentam outro diagnóstico de ordem física ou mental e que consideram importante a presença de seu cão de estimação para o andamento de seu tratamento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Consideração Positiva Incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 177-190, jun. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751433015.pdf>. Acesso em: 17 out. 2021.

ANDRADE, Stefânia Lofrano. **Produto Multifuncional para Cães**. 2012. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Design, Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2012. Disponível em: https://tconline.feevale.br/tc/files/4902_499.pdf. Acesso em: 14 abr. 2021.

BUSSOTTI, Edna Aparecida *et al.* Assistência individualizada: posso trazer meu cachorro?. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [S.L.], v. 39, n. 2, p. 195-201, jun. 2005. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reesp/a/5TssW7ZMQ87wMZ9kz66mJtK/?lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2021.

BUENO, Chris. **Relação entre homens e animais transforma comportamentos dos humanos e dos bichos**. Cienc. Cult., São Paulo, v. 72, n. 1, p. 09-11, Jan. 2020. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252020000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 nov. 2021. <http://dx.doi.org/10.21800/2317-66602020000100004>.

CAETANO, Elaine Cristina Salvaro. **As contribuições da TAA - Terapia Assistida por Animais à Psicologia**. 2010. 69 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade do Extremo Sul Catarinense - Unesc, Criciúma, 2010. Disponível em: <https://silo.tips/download/as-contribuioes-da-taa-terapia-assistida-por-animais-a-psicologia>. Acesso em: 20 out. 2021

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. **Amigos muito além da estimação**. 2021. Disponível em: <https://www.cvv.org.br/blog/tags/animais-de-assistencia/>. Acesso em: 14 abr. 2021.

CLERICI, Lisandra Garcia Wastowski. **Zooterapia com cães: um estudo bibliográfico**. 2009. 31 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Centro de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2009. Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/lisandra%20garcia%20wastowski%20clerici.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DE SÃO PAULO. **As Razões e Consequências da Humanização dos Pets**. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://crmvsp.gov.br/3d-flip-book/edicao-60/>. Acesso em 20 abr. 2021.

CORTEZ, Renata Harumi. **Emoção e empatia: os limites do humano e do não humano nas relações entre os homens e seus animais de estimação**. 2013. 14 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Renata%20Harumi%20Cortez%20oma%20-%201020664%20-%204206%20-%20corrigido.pdf. Acesso em: 16 set. 2021.

COSTA, Maria Carolina Canadas *et al.* Uso de animais como alternativa no tratamento paliativo: uma revisão de literatura. **Revista Fluminense de Odontologia**, Nova Iguaçu, v. 28, n. 56, p. 1-11, jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/ijosd/article/view/44298/25277>. Acesso em: 14 out. 2021.

DOTTO, Felipe *et al.* A percepção de idosas institucionalizadas sobre o uso do cão durante o atendimento fisioterapêutico. **Fisioterapia Brasil**, Santa Maria, v. 13, n. 1, p. 37-42, jan. 2012. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/461/918>. Acesso em: 14 out. 2021.

FREITAS, Sulliane Teixeira. **Efeitos de procedimentos focados na relação terapêutica sobre comportamentos geralmente descritos nos quadro de depressão**. 2011. 118 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/26143/Dissertacao%20sulliane.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 out. 2021.

FÜLBER, Sabrina. **Atividade e Terapia Assistida por Animais**. 2011. 27 f. TCC (Graduação) - Curso de Veterinária, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em:

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/52516/000851221.pdf?sequence=1>.

Acesso em: 11 abr. 2021.

GARCIA, Murilo Pereira. **Classes de comportamentos constituintes de intervenções de psicólogos no subcampo de atuação profissional de psicoterapia com apoio de cães**. 2009. 375 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

Disponível em:

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/92255/266260.pdf?sequence=1&%20isAllowed=y>. Acesso em: 14 abr. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. – São Paulo: Atlas. 2008

GIUMELLI, Raísa Duquia; SANTOS, Marciane Cleuri Pereira. Convivência com animais de estimação: um estudo fenomenológico. **Rev. abordagem gestalt.**, Goiânia, v. 22, n. 1, p. 49-58, jun. 2016. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809

68672016000100007&lng=pt&nrm=isso. Acesso em: 06 abr. 2021.

GONÇALVES, Jéssica Oliveira; GOMES, Francielle Gonzalez Correia. Animais que curam: a terapia assistida por animais. **Revista Uningá Review**, Paraná, v. 1, n. 29, p. 204-210, jan-mar. 2017. Disponível em:

<http://revista.uninga.br/index.php/uningareviews/article/view/1907/1504>. Acesso em: 27 set. 2021.

LIMA, Aline da Silva; SOUZA, Marjane Bernardy. Os benefícios apresentados na utilização da terapia assistida por animais: revisão de literatura. **Revista Saúde e Desenvolvimento**, São Jerônimo, v. 12, n. 10, p. 224-241, 2018. Disponível em:

<https://www.revistasuninter.com/revistasauade/index.php/saudeDesenvolvimento/article/view/880>. Acesso em: 14 set. 2021.

MACHADO, Juliane De Abreu Campos *et al.* Terapia Assistida por Animais (TAA). **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária** – ISSN: 1679-7353.

Disponível em:

http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yBDakPBzygjagIw_2013-5-28-12-0-12.pdf. Acesso em: 11 abr. 2021.

MARINHO, Jéssica Riedi Souza; ZAMO, Renata de Souza. Terapia assistida por animais e transtornos do neurodesenvolvimento. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 1063-1083, 2017. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451857286015>. Acesso em: 10 out. 2021.

MARTINS, Maria de Fátima *et al.* Grau de apego dos proprietários com os animais de companhia segundo a Escala Lexington Attachment to Pets. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.**, São Paulo, v. 50, n. 5, p. 364-369, set. 2013. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/bjvras/article/view/79925/83866>. Acesso em: 06 abr. 2021.

MENDONÇA, Tatiane Rose Oliveira de; MELO, Maria de Fátima Aranha de Queiroz e. Adoção de cães por universitários: um estudo ator-rede sobre a relação humano/não-humano. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, São João Del-Rei, v. 1, n. 9, p. 130-141, jan-jun. 2014. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/Volume9_n1/Mendonca%20&%20Queiroz%20e%20Melo.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

MENEGAZZO, Aline Dupont *et al.* Influência da cinoterapia e perfil do animal durante exercícios fisioterapêuticos na Síndrome de Smith Lemli Optiza. **Revista FisiSenectus**, n. 03. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/fisisenectus/article/view/3016/1792>. Acesso em: 10 abr. 2021.

MOZZATO, Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denize. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 4, p. 731-747, 2011. Disponível em: <https://rac.anpad.org.br/index.php/rac/article/view/874/871>. Acesso em: 20 mai. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Depression and Other Common Mental Disorders Global Health Estimates**. 2017. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/rest/bitstreams/1080542/retrieve>. Acesso em: 26 mai. 2021.

ORGE, Sheila; BARBOSA, Maria; WOSIACKI, Sheila; FERRANTE, Marcos. Guarda responsável de animais: conceitos, ações e políticas públicas. **Enciclopédia Biosfera**, [S.L.], v. 15, n. 28, p. 578-594, 3 dez. 2018. Centro Científico Conhecer. Disponível em: <http://www.conhecer.org.br/enciclop/2018B/AGRAR/guarda%20responsavel.pdf>. Acesso em: 27 set. 2021.

PASSOS, Julia Troian. **Convivência com animais de estimação e busca de sentido da vida**. 2019. 48 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/4970/TCC%20Julia%20Troian%20Passos.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 16 set. 2021.

PESQUISA NACIONAL DE SAÚDE. **Acesso e Utilização dos Serviços de Saúde, Acidentes e Violências**. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94074.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

REED, Reiley; FERRER, Lilian; VILLEGAS, Natalia. Curadores naturais: uma revisão da terapia e atividades assistidas por animais como tratamento complementar de doenças crônicas. **Revista Latino-Am. Enfermagem**. Chile, v. 20, n. 3, 7 p. maio-jun 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/pg4xnvGLyfnf9pQCmJdfs3K/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 abr. 2021.

ROCHA, Regina Célia. **Visita de animal de estimação**: proposta de atividade terapêutica assistida por animais a pacientes internados em hospital oncológico. 2015. 119 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Puc-Sp, São Paulo, 2015.

Disponível em:

<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/15454/1/Regina%20Celia%20Rocha.pdf>.

Acesso em: 20 out. 2021.

TATIBANA, Lilian Sayuri; COSTA-VAL, Adriane Pimenta. Relação homem-animal de companhia e o papel do médico veterinário. **Revista Veterinária e Zootecnia em Minas**, n. 103, p. 12-18, 2009. Disponível em:

<http://www.crmvmg.gov.br/RevistaVZ/Revista03.pdf#page=11>. Acesso em: 06 abr. 2021.